

## **GEORG LUKÁCS AND THE POSSIBILITY OF CRITICAL SOCIAL ONTOLOGY**

[THOMPSON, M. J. Ed.]

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v13i1.43398>

Anderson Deo<sup>1</sup>

Publicada na primeira metade de 2020, a coletânea *Georg Lukács and the Possibility of Critical Social Ontology* compõe o volume 148 da coleção *Studies in Critical Social Sciences* (Leiden; Boston: Brill, 2020), e tem como organizador Michael J. Thompson, professor de Teoria Política do Departamento de Ciência Política da William Paterson University, EUA.

A coletânea conta com 14 artigos divididos em 4 seções, de autoria de pesquisadores de vários países, que dedicam seus estudos à compreensão e ao debate da obra de György Lukács (1895-1971), em suas múltiplas dimensões, mas com maior ênfase e interesse naquele que foi seu escrito de maior densidade e maturidade teóricas, *Para uma ontologia do ser social* (São Paulo: Boitempo, 2012).

Na primeira parte intitulada *Fundamental Aspects of Lukács' Ontology of Social Being*, Antonino Infranca, Miguel Vedda, Endre Kiss e Matthew J. Smetona analisam alguns dos temas fundamentais à formulação de uma ontologia originalmente nova, elaborada por Lukács. Assim, encontramos a abordagem de Infranca e Vedda (*Ontology and Labor in Lukács' Late Thought*), que propugna o caráter central da categoria Trabalho como proto-forma do “ser-precisamente-assim” do ser humano, bem como, sua inextirpável característica particular na constituição de suas formas de sociabilidade. Em capítulo dedicado à análise do papel de Lukács no processo de renovação do marxismo ao longo do século XX, Endre Kiss (*Lukács and the Reshaping of Marxism: From Hartmann's to Lukács' Ontology*) procura traçar o percurso teórico que leva da ontologia de Hartmann à de Lukács, apontando as possíveis aproximações e, fundamentalmente, os distanciamentos entre os autores. Na senda teórica trilhada por Lukács, a bifurcação que o leva à construção de leitura ontológica totalmente original, distanciando-se daquela proposta por Nicolai Hartmann – mas também, fundamentalmente, da ontologia metafísica de Heidegger, como discutido profundamente por Nicolas Tertulian (TERTULIAN, N. *Lukács e seus contemporâneos*. São Paulo: perspectiva, 2016) –, possui como vetor a compreensão dos processos históricos de constituição do ser social e sua caracterização ontogenética a partir do Trabalho, como elemento de mediação orgânica/inorgânica entre Homem e Natureza. Hartmann se afastou da influência kantiana e neopositivista, bem como das tendências fenomenológicas, predominantes na filosofia daquele contexto histórico. No entanto, não avançou rumo à uma leitura ontológica cuja abordagem fosse capaz de capturar no plano ideocategorial a totalidade dos complexos sociais, permanecendo, portanto, no plano de uma ontologia de caráter metafísico, como apontado pelo próprio Lukács. Tal caráter se deve, em parte, ao fato de Hartmann não levar em consideração em sua abordagem as “bases materiais” do Trabalho e da ação

humana. Esse é o tema discutido na análise proposta por Matthew J. Smetona (*Lukács' Ontology of Social Being and the Material Basis of Intentionality*), que fecha a primeira seção do livro. Aqui, Smetona procura demonstrar que a ação humana, o ato do “por-teleológico”, orienta-se a partir de condições históricas determinadas – definidas como bases materiais – e que, portanto, ao oferecer respostas às suas demandas, a humanidade, em sua genericidade, aponta para possibilidades demarcadas e circunscritas naquele mesmo momento histórico. Desdobra-se dessa análise, o caráter materialista da leitura ontológica lukacsiana, superando qualquer incidência metafísica, bem como, uma leitura fundamentalmente processual da história. O Homem, a humanidade *é e está*, em um constante processo (contraditório) de construção de seu ser social. E essa temática nos remete à segunda parte do livro.

Os vínculos, as absorções e a superação, ou se preferirmos, a *aufhebung* entre Lukács e Hegel em alguns de seus principais aspectos – e podemos aqui incluir Marx – são discutidos na seção intitulada *Hegelian-Marxist Dimensions of Lukács' Social Ontology*. Em texto de profundo rigor e criatividade analítica, Murillo van der Laan (*György Lukács' Ontological Interpretation of Marx's Labor Theory of Value*) nos oferece uma instigante discussão sobre a Teoria do Valor Trabalho desenvolvida por Marx e a forma de sua absorção presente na ontologia de Lukács. Segundo o autor, Lukács incorre numa generalização imprecisa, ao apontar que as tendências fundamentais da lei do valor presente na leitura marxiana se desenvolveriam, também, nas formas de transição socialistas. Já o texto de Andreas Giesbert (*The Ontology of Alienation: Lukács' Normative Theory of History*) remete ao tema da alienação e a forma como o filósofo magiar debate a questão ao longo de sua obra, desde a publicação de *História e Consciência de Classe*. Propõe que a análise da alienação, em sua articulação com o caráter teleológico da ação humana são elementos constitutivos de uma teoria normativa da história em Lukács. Em seguida, Michalis Skomvoulis (*Lukács' Late Appropriation of Hegel's Philosophy: The Ontology of Materialist Dialectics and the Complexities of Labor as Teleological Positioning*) procura analisar aquilo que o autor identifica como uma “apropriação tardia da filosofia hegeliana” pela leitura de Lukács. Analisando a categoria Trabalho a partir de suas complexas interações de posições teleológicas, como substrato teórico necessário ao materialismo dialético presente na ontologia lukacsiana, Skomvoulis recorre a Hegel para identificar os elementos fundamentais e originários do debate. Diferente desse último, no entanto, o filósofo húngaro recorre às “determinações materiais em última instância” para fundamentar sua compreensão materialista sobre os processos históricos, o que o vinculava diretamente à tradição teórica inaugurada por Marx.

Na terceira seção, intitulada *Lukács' Social Ontology and Contemporary Philosophy*, o debate sobre a ontologia do ser social será concentrado em alguns de seus interlocutores contemporâneos. Claudius Vellay (*On the "Constitution of Human Society": Lukács' versus Searle's Social Ontology*) confronta a leitura ontológica lukacsiana com aquela de John R. Searle. Segundo Vellay, o filósofo anglo-saxão propugna que a realidade social compõe um dos fatores mentais que envolvem as intencionalidades coletivas. Assim, sua concepção ontológica se fundamentaria numa leitura própria da tradição filosófica idealista contemporânea, vinculada ao universo da linguagem e das representações, essencialmente distinta daquela de Lukács. Já o texto de Thomas Telios (*Why Still Reification? Toward a Critical Social Ontology*) retoma o tema

da reificação, propondo uma análise panorâmica de como algumas importantes leituras filosóficas se debruçaram e analisaram a questão. Assim, apresenta interpretações importantes – muitas delas diversas entre si – como as de Adorno, de Deleuze, Foucault, Althusser, a leitura desenvolvida pelo movimento Pós-Estruturalista e a crítica oferecida pela Escola de Frankfurt, buscando articular as dimensões da reificação e da subjetivação, num debate constante com a produção lukacsiana, desde *História e Consciência de Classe*, até os *Prolegomenos Para Uma Sontologia do Ser Social*. Partindo da assertiva de que um dos principais aspectos da atual crise social se encontra na ausência de uma crítica ontológica da forma capitalista de reprodução, Mario Duayer (*Unlikely Affinities: J.L. Borges, Kuhn, Lakatos and Ontological Critique*) nos apresenta as “afinidades improváveis” entre a leitura ontológica de Lukács e os escritos sobre teoria da linguagem do argentino J. L. Borges, bem como as leituras epistemológicas de corte “pós-positivistas” do estadunidense T. Kuhn e do magiar I. Lakatos. Com a precisão que lhe é característica, Duayer identifica as aproximações de Borges com a filosofia de Foucault, sobretudo no que toca à sua elaboração sobre o conceito de linguagem. Da mesma forma, analisa os pressupostos epistemológicos da filosofia da ciência elaborados por Kuhn e Lakatos, que mesmo em suas diferenças internas, possuem uma identidade marcante, qual seja, a elaboração de modelos de apreensão do real apriorísticos, que partem de construtos anteriores ao próprio real e as relações sociais que o compõem. Eis um dos elementos fundamentais que diferencia e torna improvável – impossível, diríamos – a aproximação entre essas tradições teóricas e a crítica ontológica lukacsiana. Fecha a seção o texto de Christoph Henning (*The Politics of Nature, Left and Right: Comparing the Ontologies of Georg Lukács and Bruno Latour*), que propõe uma comparação entre a ontologia de Lukács e a do francês Bruno Latour. Ao analisar o tema da política, seu conteúdo ontológico, Henning procura identificar como proposições filosoficamente distintas se reproduzem no campo ideológico também distintamente. Dito de outra forma, as mediações políticas que podem ser identificadas como “de esquerda ou de direita” possuem relação direta – mas não mecânica, diga-se – com os fundamentos ontológicos desenvolvidos pelos autores.

Fecha o livro a seção *Toward a Critical Social Ontology*. Ao apresentar os desdobramentos políticos e econômicos produzidos pelo capitalismo ao longo do século XX, assim como a barbárie do capital reproduzida pelo fenômeno nazi-fascista, cuja expressão teórica se vincula ao irracionalismo filosófico, Michael Morris (*From Critical Theory to Critical Ontology: Back to Lukács!*) é enfático ao propor o retorno à Lukács e à sua crítica ontológica, como condição fundamental da construção de mediações políticas transformadoras, que possam superar o atual quadro de crise societal, em direção à plena emancipação humana. Em seguida, Titus Stahl (*Normativity and Totality: Lukács' Contribution to a Critical Social Ontology*) centra sua análise na categoria da Totalidade, a partir da análise lukacsiana do trabalho como posição teleológica fundante do ser social. Segundo Stahl, poderíamos extrair desse fundamento uma teoria normativa para a compreensão dos processos sociais em sua totalidade. Reha Kadakal (*Lukács and the Problem of Knowledge: Critical Ontology as Social Theory*) propõe em seu texto a discussão da crítica ontológica como fundamento de uma teoria social transformadora. Aqui o autor remete à discussão da construção do conhecimento, a partir do arcabouço teórico oferecido pela ontologia de Lukács. Por fim, fechando a

coletânea, temos a importante análise de Michael J. Thompson (*Marx, Lukács and the Groundwork for Critical Social Ontology*) onde o autor identifica – assim como Lukács – os fundamentos de uma ontologia marxiana já nos *Manuscritos Econômico e Filosóficos*, de 1844. Mais uma vez, a centralidade da categoria Trabalho é colocada em evidência, ao analisar as determinações auto-reflexivas no processo de reprodução objetivo-subjetiva do ser social. Thompson aponta ainda que a crítica ontológica lukacsiana avança, ao identificar a partir de Marx o núcleo constitutivo das relações sócias – bem como de seu reflexo mediativo através de formas de subjetividade – nos processos reais/concretos historicamente reproduzidos, que reconhece o ser humano como sujeito ativo de tais processos. Dessa forma, encerra o texto apontando o esforço analítico de György Lukács, ao propor a edificação de uma Teoria da Ética de conteúdo materialista, mesmo que irrealizada devido ao desaparecimento do filósofo magiar, em 1971, pouco tempo após concluir sua *Para uma Ontologia do Ser Social*.

O ano de 2021 marca o cinquentenário da morte de György Lukács. A efeméride será mais um momento em que iniciativas no Brasil e em outros países, dentro e fora de espaços acadêmicos, serão realizadas com o intuito de debater a obra desse que foi um dos maiores filósofos marxistas do século XX. As análises oferecidas pelos autores da presente coletânea, os aprofundamentos teóricos, as polêmicas que suscitam e seus possíveis desdobramentos políticos, são de extrema relevância à compreensão da leitura ontológica lukacsiana, e coloca desde já a necessidade e o desafio editorial para sua publicação em língua portuguesa.

### **Referências**

THOMPSON, M. J. (ed.). *Georg Lukács and the possibility of critical social ontology*. Lieden; Boston: BRILL, 2020.

### **Notas**

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais. Docente do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unesp Campus de Marília. Pós-Doutorado na Università Degli Studi di Urbino “Carlo Bo”. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Núcleo de Estudos de Ontologia Marxiana” (NEOM-CNPq). Currículo Vitae Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3488579869641105>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6081-3159>. E-mail: deoanderson@hotmail.com

Recebido em: 10 de fevereiro de 2021.

Aprovado em: 15 de março de 2021.